

**ORTODOXOS E HETERODOXOS: UMA ANÁLISE DO DEBATE ATRAVÉS DE
DIFERENTES METODOLOGIAS DE PESQUISA**

Darlan Siegle HARTMANN¹

RESUMO: O presente artigo buscou analisar o debate travado entre economistas ortodoxos e heterodoxos através de artigos publicados na Folha de São Paulo no ano de 2016. A análise foi desenvolvida em duas etapas, sendo a primeira através das diferentes metodologias de pesquisa desenvolvidas por Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos, Milton Friedman, Deirdre McCloskey e Pêrsio Arida, aplicadas sobre os argumentos utilizados pelos economistas em seu debate e, na segunda etapa de análise, foi apresentada a opinião do próprio autor sobre o debate, baseada em seu conhecimento e preferências pessoais, além dos argumentos considerados mais sensatos dos seis autores de metodologia científica utilizados neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia Científica. Economia Heterodoxa. Economia Ortodoxa.

Introdução

O debate travado entre economistas ortodoxos e heterodoxos brasileiros através de artigos publicados na Folha de São Paulo em 2016 foi representado pelos economistas Marcos de Barros Lisboa e Samuel Pessôa do lado ortodoxo, enquanto os economistas Luiz Fernando de Paula, Elias M. Khalil Jabbour, Pedro Paulo Zahluth Bastos, Luiz Gonzaga Belluzo, José Luiz Oreiro e Paulo Gala defenderam a heterodoxia.

Este debate será analisado através de diferentes óticas sobre como deve ser realizada a pesquisa científica no âmbito da ciência. Estas metodologias foram desenvolvidas pelos seguintes pesquisadores: Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos, Milton Friedman, Deirdre McCloskey e Pêrsio Arida.

Não existe um consenso sobre o melhor método científico para a realização da pesquisa científica, o que submete o método ao grupo de pesquisa dominante atual, ou aos gostos do próprio pesquisador. Logo, a opinião final (Conclusão) apresentada ao fim deste trabalho sobre o presente debate entre economistas ortodoxos e heterodoxos é baseada na abordagem mais ampla, considerando as análises históricas e empíricas, minimizando as simplificações, através da análise dos argumentos apresentados por diferentes autores dos dois grupos de pesquisa.

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciência e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Economia. darlandsh@hotmail.com.

O presente artigo está dividido em duas partes. A primeira possui o intuito de apresentar os diferentes argumentos elaborados por economistas ortodoxos e heterodoxos a favor e contra os dois programas de pesquisa. Em um segundo momento, são apresentadas as diferentes óticas a respeito de como deve ser realizada a pesquisa científica, para então, analisar os argumentos apresentados pelos economistas anteriormente.

Economistas e Seus Argumentos

Argumentos Ortodoxos

Lisboa e Pessôa (2016a) iniciaram o debate colocando que a diferença entre a direita e a esquerda no debate econômico brasileiro é mais de natureza positiva do que normativa e que a construção de um amplo Estado de bem-estar social no país, traz consigo um amplo aumento da carga tributária e do gasto social, sendo que esta política não se distinguiu entre governos tucanos ou petistas.

Para a ortodoxia, o desenvolvimento econômico decorre do crescimento da produtividade que se dá através de dois fatores principais: a formação dos trabalhadores e a produtividade sistêmica, segundo Lisboa e Pessôa (2016a). Para a heterodoxia, o desenvolvimento se dá através do crescimento de atividades produtivas específicas, como a indústria, para o que seria necessária a intervenção do Estado.

Outro ponto de discordância entre as duas linhas de pensamento, segundo esses autores, são as políticas de curto prazo. Enquanto para os ortodoxos as economias operam nas proximidades do pleno emprego, mesmo havendo algumas sociedades que apresentam ociosidade crônica, para os heterodoxos, todas as economias apresentam ociosidades dos fatores, logo, a política fiscal conduz ao crescimento sem pressionar a inflação.

Em seguida, Lisboa e Pessôa (2016a) citam como o debate entre ortodoxos e heterodoxos é resolvido internacionalmente, sendo a evidência estatística dos dados disponíveis o elemento de decisão, enquanto que, no Brasil, os economistas divergem sobre os métodos de análise, mesmo concordando quanto aos objetivos das políticas. Os economistas ortodoxos preferem a evidência de dados, já a heterodoxia parte da conclusão, onde a visão de mundo determina os principais aspectos de funcionamento das economias.

Na finalização deste primeiro artigo Lisboa e Pessoa (2016a), que deram início a este debate, colocam que a patologia dos heterodoxos é recorrer à desqualificação dos métodos estatísticos ou da motivação do pesquisador para rejeitar alguma evidência, sendo que esta evidência possui pouca importância para o debate, possuindo papel apenas de ilustração, uma vez que caso ela seja a favor, decorre das pessoas que compartilham a mesma visão, se contra, decorre daqueles que têm outra visão de mundo e deve ser rejeitada.

Os autores Lisboa e Pessoa (2016b) dão continuidade a esse último argumento no artigo seguinte, argumentando que os economistas ortodoxos procuram utilizar conjecturas mais robustas frente aos testes estatísticos disponíveis, sendo estas sujeitas à revisão mediante o surgimento de novos modelos, base de dados ou testes estatísticos. Por outro lado, afirmam que a heterodoxia no Brasil prefere a construção de grandes narrativas, procurando dar conta de aspectos da história e fatos estilizados selecionados.

Os autores ortodoxos alegam que a maior parte da heterodoxia desconhece o que critica, além de não proporem um critério para definir qual a abordagem mais adequada a ser utilizada. Das peculiaridades da heterodoxia, foram progressivamente desenvolvidos modelos com conjecturas testáveis que davam conta de fenômenos incompatíveis com a abordagem até então dominante. Esta é a maneira como a heterodoxia se desenvolve na academia internacional, construindo uma abordagem alternativa à dominante, mas com o mesmo método de análise e validação dos resultados, de modo que a heterodoxia do passado, caso bem sucedida, se torna a ortodoxia do presente. Por fim, Lisboa (2016) afirma que a boa heterodoxia passa pela estatística, dialoga com a ortodoxia e pode ser útil para enfrentar momentos que fogem da normalidade econômica.

Argumentos Heterodoxos

Os argumentos da heterodoxia se iniciam no artigo de Jabbour e Paula (2016). Para eles a miséria da ortodoxia resulta de três pontos: (1) uso e abuso da retórica sob o mantra da “neutralidade” e “objetividade científica”; (2) visão deturpada e simplificada da heterodoxia econômica; (3) generalizações apriorísticas partindo de fatos e experiências específicas.

A utilização de dados é criticada pelos autores, pois através do recurso de técnicas estatísticas para amplificar ideias-força, são pinçados estudos que favoreçam seus argumentos preconcebidos, o que não deixa de ser um exercício de retórica.

A crítica ao uso da evidência empírica como ferramenta de resolução de debates continua através da citação de um artigo do economista ortodoxo Pérsio Arida em 1983 (“A história do pensamento econômico como teoria e retórica”), aonde Arida afirma que nenhuma controvérsia importante na teoria econômica foi resolvida através do teste ou da mensuração empírica.

A heterodoxia para Jabbour e Paula (2016) apresenta um espectro amplo de abordagens, mas que possui em comum a rejeição tanto ao reducionismo metodológico em prol da pluralidade quanto da noção de que economias capitalistas abstraídas de fricções tendem ao auto equilíbrio com pleno emprego. Busca-se nesta abordagem o máximo realismo das hipóteses e rejeita-se o atomismo e o individualismo metodológico que caracterizam boa parte do pensamento convencional. A generalização como método serve apenas para transformar o óbvio em achado científico. A ortodoxia realiza um farto uso de exercício retórico para desqualificar a heterodoxia, pinçando estudos que favoreçam suas análises e conclusões, além de fazer generalizações a partir dos fracassos específicos, vendendo uma visão deturpada da heterodoxia.

Belluzo e Bastos (2016) criticam a citação de Lisboa e Pessoa de que não existam heterodoxias fora do Brasil, mas apenas divisões entre esquerda e direita. Os autores afirmam que este desconhecimento apenas reflete o fato de que as faculdades neoclássicas não estudam a heterodoxia, enquanto os heterodoxos estudam e entendem o porquê de rejeitarem a ortodoxia neoclássica. Para os autores, é verdade que a heterodoxia recorre a métodos quantitativos com muito mais ceticismo do que a ortodoxia, e quase sempre em simbiose com análises qualitativas.

Para Belluzo e Bastos (2016), atualmente o campo neoclássico é dividido em dois grupos. O primeiro, mais à esquerda, representa a visão novo-keynesiana. O segundo é representado pelos novo-clássicos, que se posicionam à direita. Entretanto, nenhuma das escolas neoclássicas previu a crise financeira mundial, ao contrário de inúmeros autores heterodoxos que mantiveram a concepção dinâmica das instabilidades do capitalismo.

Os autores continuam a crítica, considerando curioso o fato de que a autocrítica não passe perto dos neoclássicos brasileiros. Diante da descoberta muito tardia do fracasso de suas previsões e sistemas teóricos de base neoclássica, eles passaram a agregar hipóteses

secundárias, *ad hoc*², etc. A mágica é retorcer os modelos de modo que, exogenamente, produzam resultados econométricos aparentemente adequados aos dados recortados.

Para Gala e Oreiro (2016), basta uma rápida análise dos principais periódicos heterodoxos indexados no Brasil e no exterior para se constatar que grande parte da pesquisa heterodoxa segue exatamente o mesmo protocolo defendido por Lisboa e Pessôa.

Os autores também ressaltam que os economistas heterodoxos são todos aqueles que discordam da ideia de que o núcleo duro de um programa de pesquisa deva ser construído a partir dos princípios da maximização e do equilíbrio dos mercados. Logo, a diferença entre as correntes se baseia em diferentes “núcleos duros”, não sujeitos à comprovação empírica.

Óticas Sobre A Metodologia De Pesquisa

Ótica De Popper

Popper (1980) era contra a ideia de a ciência avançar da observação para a teoria, considerando absurda a ideia de ser possível começar exclusivamente com observações, sem qualquer teoria. Os humanos possuem uma inclinação nata para encontrar regularidades; é necessário esperar que as repetições imponham suas regularidades, ao invés de impor as regularidades ao mundo. Essa tentativa de impor interpretações ao mundo antes da observação de similaridades é caracterizada como “pensamento dogmático”. Logo, existem muitas teorias que se revelaram falsas, mas a atitude dogmática busca continuar aplicando a teoria, sustentando-a através de suposições *ad hoc*, tentando escapar à refutação.

Definido o pensamento dogmático que prejudica o desenvolvimento da ciência, Popper coloca a atitude crítica como o método para o desenvolvimento de uma teoria. Ela está disposta a alterar padrões, admitindo dúvidas e exigindo testes, indicando uma crença mais fraca. Grande experiência e maturidade criam algumas vezes essa atitude crítica e de cautela, em vez do dogmatismo. A conclusão tirada pelo autor é de que a atitude crítica sobrepõe-se à atitude dogmática, pois a crítica dirige-se às crenças prevalecentes, sendo o procedimento mais racional o da conjectura e refutação: propor teorias e tentar refutá-las, as aceitando caso a refutação fracasse.

² Adição de hipóteses a uma teoria para impedi-la de ser falseada.

Com base nas teorias de Popper, concluo que o debate entre ortodoxia e heterodoxia na economia brasileira é vencido pelos heterodoxos, uma vez que a atitude crítica prevalece mais entre eles. Os ortodoxos estão presos por sua crença nas hipóteses formuladoras de seu núcleo duro do programa de pesquisa, como citado por Gala e Oreiro (2016) e buscam continuamente sustentá-las através de suposições *ad hoc* para que sua crença não seja abalada. Ainda que seus testes e modelos estejam constantemente testando suas conjecturas, o que se observa é muito mais hipóteses impostas às observações do que hipóteses surgindo das observações, o que coloca os heterodoxos na frente mediante este debate por possuírem uma atitude mais crítica e estarem em constante “mutação”, confirmando o que deve ser confirmado e refutando quando necessário através de teorias, testes estatísticos, etc.

Ótica de Kuhn

Para Kuhn (1978), a ciência é a reunião dos fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais e os cientistas tentam com ou sem sucesso, contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica. O desenvolvimento torna-se o processo gradativo no qual os elementos são adicionados isoladamente ou em combinação ao estoque crescente que constitui o conhecimento e a técnica científicos. A História da Ciência torna-se a disciplina que registra os aumentos sucessivos e os obstáculos que inibiram sua acumulação.

Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica. Esse comprometimento e o consenso aparente que produz são pré-requisitos para a ciência normal, para a continuação de uma tradição de pesquisa determinada (KUHN, 1978).

O avanço da ciência se dá por meio da competição entre diferentes segmentos da comunidade científica, sendo o processo histórico o único que realmente resulta na rejeição ou aceitação de uma teoria. Os paradigmas são realizações científicas reconhecidas universalmente durante certo tempo e servem como base para a pesquisa dos cientistas “normais”. O julgamento desta pesquisa só é relevante se realizado pelos colegas na definição dos problemas e soluções. Este processo de pesquisa é auto-sustentado e cumulativo.

Quando estes paradigmas começam a falhar na solução dos problemas, a teoria dominante começa a entrar em crise, abrindo espaço para o surgimento de um novo paradigma que dará início a um novo programa de pesquisa dominante.

Baseado na teoria de Kuhn sobre a estrutura das revoluções científicas, pode-se dizer que até o momento a ortodoxia ganha o debate, por ainda se manter como a teoria dominante, mesmo que seu paradigma já venham falhando há algum tempo, como os princípios da maximização e do equilíbrio de mercado. Pode-se dizer que o espaço para o surgimento de um novo programa de pesquisa dominante esteja se abrindo, mas enquanto os paradigmas não forem falseados por completo e os cientistas “normais” continuarem seu processo de expansão do programa se mantendo fiéis e comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica, a tradição de pesquisa ortodoxa continuará. Cabe aos heterodoxos continuarem seu programa de pesquisa que o processo histórico irá determinar a aceitação ou rejeição das teorias e, conseqüentemente, do paradigma dominante, segundo Kuhn.

Ótica de Lakatos

Para Lakatos (1979), um programa de pesquisa é composto por sua heurística positiva e sua heurística negativa e seu desenvolvimento se dá através do falseamento das teorias elaboradas:

- Heurística negativa: elaboração de hipóteses que auxiliem o núcleo, como um “cinto de proteção” do programa de pesquisa científica. Este cinto que é testado e deve ir se ajustando ou sendo substituído para a defesa do núcleo do programa;
- Heurística positiva: modificação e sofisticação do “cinto de proteção” refutável do programa, mudando e desenvolvendo suas variantes. Uma dessas maneiras é o desenvolvimento de modelos que simulam a realidade, sendo esses modelos um conjunto de condições iniciais que estão condenadas a serem substituídas durante o desenvolvimento do programa.

Nenhuma interpretação de dados empíricos é totalmente “pura”, pois ela sofre a influência de expectativas prévias do cientista. Logo, o processo de julgamento deve ser de uma teoria mediante outra teoria e não de uma teoria isoladamente.

Partindo das ideias de Lakatos, é possível observar que os cientistas ortodoxos criaram uma heurística negativa para proteger os princípios (hipóteses) fundadores do programa de pesquisa. Os modelos econométricos, tanto citados durante o debate entre ortodoxos e

heterodoxos anteriormente funcionam como a heurística positiva do programa, que através de suposições *ad hoc* tentam sofisticar este cinturão para a manutenção do programa de pesquisa dominante.

Logo, a ortodoxia pode ser o programa de pesquisa dominante, uma vez que seu núcleo duro ainda não foi quebrado pela heterodoxia, mas seguindo as regras de pesquisa e falseamento a que devem ser submetidos os programas de pesquisa segundo Lakatos, a heterodoxia ganha o debate até o momento contra a ortodoxia, pois a defesa da ortodoxia se dá muito através de modelos econométricos e da interpretação de dados empíricos. Enquanto a elaboração de modelos é aceita pelo autor como maneira de sofisticar e modificar o cinturão de proteção do núcleo do programa de pesquisa, a interpretação de dados empíricos não é confiável, existindo sempre a possibilidade desta interpretação favorecer o programa de pesquisa do cientista inclinado a validar suas expectativas prévias.

Enquanto comparação entre programas de pesquisa, o programa de pesquisa heterodoxo simula melhor a realidade, pois não utiliza simulações irrealistas do mundo através de hipóteses *ad hoc*, portanto, na confrontação das teorias, pode-se dizer que a heterodoxia está na frente do debate por consequência de seu método de pesquisa e de sua constante comparação com a ortodoxia, enquanto esta ignora em sua maior parte as teorias elaboradas pela heterodoxia como foi exposto pelos autores Marcos Lisboa e Samuel Pessôa em seus artigos apresentados anteriormente.

Ótica de Friedman

O autor Milton Friedman, em sua obra *A Metodologia da Economia Positiva*, de 1953, afirma que a ciência deve tratar do que é e não do que deveria ser. O objetivo da economia positiva é desenvolver uma teoria ou hipótese capaz de produzir previsões válidas e significativas acerca de fenômenos ainda não observados e o julgamento desta teoria se dará pelo seu poder preditivo, relativo à classe de fenômenos que ela tenta explicar. Somente a evidência factual poderá provar se ela está certa ou errada (provisoriamente aceita ou rejeitada).

A dificuldade em submeter a teste hipóteses econômicas através de suas previsões, facilita o surgimento de mal-entendidos acerca do papel da evidência empírica no trabalho

teórico. Logo, a pergunta a se fazer é se as aproximações se mostraram ou não suficientemente boas, tendo em mente os objetivos colimados (FRIEDMAN, 1981).

Uma teoria deste gênero não se submete a teste por meio da comparação direta de seus pressupostos com a realidade. O realismo completo é inatingível e a questão de saber se uma teoria é suficientemente realista só pode ser enfrentada verificando se conduz a previsões que sejam boas o bastante (FRIEDMAN, 1981).

Por fim, Friedman também cita que quanto mais significativa uma teoria, tanto mais não-realistas são os seus pressupostos, pois uma hipótese é importante quando explica muito com base em pouco. Ignora e deixa de explicar várias circunstâncias presentes, cuja irrelevância para o fenômeno em tela decorre do próprio êxito da teoria.

Com base na economia positivista de Friedman, pode-se afirmar com clareza que a ortodoxia ganha este debate contra a heterodoxia. Este método de pesquisa apoia a utilização de simplificações nas hipóteses, não se importando com as aproximações da realidade, uma vez que segundo o autor o realismo completo é inatingível. Portanto, a utilização de suposições *ad hoc*, a desnecessidade de explicar várias circunstâncias presentes desde que a previsão seja próxima da realidade favorece a corrente ortodoxia na economia brasileira e sentencia sua vitória no debate mediante esta ótica.

Ótica de McCloskey

Deirdre McCloskey, em seu livro *A Retórica na Economia*, de 1985, critica a rejeição que alguns economistas possuem mediante a econometria ao mesmo tempo em que critica os economistas que estão fartos da história. A validação de uma teoria se dá através da implicação experimental, porque mesmo não sendo a prática real, vale a pena ser considerado.

Para a autora, os critérios de “boas” razões, “crenças” justificáveis e conclusões plausíveis têm que proceder das conversações dos próprios profissionais em seus laboratórios, seminários ou salas de conferências, pois a retórica poderia ser uma maneira de examinar o discurso econômico e um modo de melhorá-lo.

Se os economistas renunciarem a seu singular modernismo e abrirem-se oficialmente a uma gama mais ampla de discursos, não necessitarão abandonar os dados, nem as matemáticas, nem a precisão; simplesmente terão que estar de acordo em examinar sua linguagem em ação e conversar mais educadamente com os demais (MCCLOSKEY, 1996).

McCloskey cita muito esta necessária retórica boa entre os economistas, criticando tanto os economistas que só seguem a econometria quanto os que seguem apenas a ótica histórica de pesquisa. Mediante esta ótica, acredito que os heterodoxos estão um passo à frente dos ortodoxos por estarem mais abertos ao diálogo sobre suas teorias e seus programas de pesquisa, sendo menos rígidos às mudanças e mais conhecedores de seu programa de pesquisa rival, enquanto uma parte da ortodoxia não se importa em pesquisar e estudar o que a heterodoxia está pesquisando, muito menos os métodos utilizados como foi possível observar nos argumentos ortodoxos apresentados anteriormente.

Ótica de Arida

Pérsio Arida, em seu livro *A história do pensamento econômico como teoria e retórica*, de 1984, dividiu a ciência em duas vertentes. A *soft science*, que pode basicamente ser entendida como uma ciência social que utiliza apenas argumentos históricos. A *hard science*, pode ser entendida como uma ciência exata, que utiliza argumentos baseados na matemática/estatística.

Para o autor, o modelo *soft science* tem razão ao enfatizar a importância de absorver as matrizes básicas da teoria no vigor de sua formulação original. Entretanto, ele enfatiza de forma indevida o papel da história do pensamento enquanto teoria. Por outro lado, ao situar a história do pensamento econômico como uma disciplina dentro da história geral das ideias, o modelo *hard science* perde de vista seu potencial como teoria (ARIDA, 1996).

A taxonomia do passado em termos de erro e antecipações só poderia ser mantida sob a convicção de que o estado atual da ciência constitui a fronteira do conhecimento. A contribuição genuína da história do pensamento está no estudo do passado como um caso aplicado de retórica na ciência e que a importância da retórica deriva, por sua vez, do colapso da epistemologia falsificacionista, pois nenhuma controvérsia importante na teoria econômica foi resolvida através do teste ou da mensuração empírica, mas não que eles não possuam sua importância (ARIDA, 1996).

O problema dos testes empíricos é que eles são sofisticados *ad infinitum*, sem potencial efetivo de resolução de controvérsias. A econometria faz sentido quando entendida como desdobramento de investigação efetuada dentro de uma dada matriz conceitual; torna-se

desprovida de significado quando entendida como critério de aferição da verdade de matrizes conceituais diversas (ARIDA, 1996).

Logo, nenhum dos dois métodos são demarcadores de cientificidade. Se o falsificacionismo das proposições é a marca da cientificidade, então tal atributo não pode ser acoplado à prática dos economistas. A história do pensamento econômico nos mostra que as controvérsias se resolvem não porque uma das teses foi falsificada, mas sim porque a outra comandou maior poder de convencimento. Controvérsias se resolvem retoricamente (ARIDA, 1996).

Por fim, algumas regras de retórica propostas pelo autor: Simplicidade; Coerência; Abrangência; Generalidade; Redução de metáforas; Formalização; Reinventar a tradição.

O debate entre economistas ortodoxos e heterodoxos segundo a ótica proposta por Pêrsio Arida foi vencido pelos ortodoxos. Partindo da retórica das duas vertentes econômicas como critério de falseamento para as teorias e, segundo suas regras de retórica, a heterodoxia está sempre buscando a redução de metáforas, a formalização de suas teorias com a realidade, a reinvenção da tradição, quebrando paradigmas do passado e em conjunto com a coerência entre todos estes fatores ela está um passo à frente da ortodoxia, que ainda se prende em paradigmas do passado e está sempre buscando maneiras, seja através de metáforas ou da falta de coerência no seu discurso para impedir a refutação de suas teorias e paradigmas que norteiam seu programa de pesquisa. Entretanto, como o próprio autor diz, as controvérsias se resolvem não porque uma das teses foi falsificada, mas sim porque a outra comandou com maior poder de convencimento e, até o momento, a corrente ortodoxa ainda é a corrente dominante do pensamento econômico e convence a maioria dos economistas.

Conclusão

As visões de Arida (1996) e McCloskey (1996) a respeito da retórica ser fundamental entre as correntes de pensamento para a evolução da ciência como um todo e do fato de que somente os fatos históricos e somente as evidências empíricas não são suficientes para determinar a cientificidade de uma teoria se destaca, pois busca englobar os diferentes métodos científicos, assim como o diálogo entre os grupos de pesquisas existentes, com o intuito de melhorar o método científico. A atitude crítica citada por Popper também deve ser

considerada, uma vez que se pode concluir que as teorias ortodoxas são muito dogmáticas e simplificadoras.

Muito progresso ainda há de ser feito, pois um programa de pesquisa é composto por inúmeros cientistas e muitos erros e defeitos estão presentes nos dois lados. Porém, pode-se concluir que a heterodoxia está em um caminho mais promissor do que a ortodoxia, por isto se destaca no debate entre as duas correntes. Ela é mais crítica quanto aos métodos utilizados, não está presa em princípios dogmáticos ultrapassados, está à frente da ortodoxia por utilizar tanto as evidências empíricas quanto os fatos históricos, enquanto a ortodoxia desconhece os métodos utilizados pela heterodoxia, assim como despreza em parte a história do pensamento econômico.

***ORTHODOXES AND HETERODOXES: AN ANALYSIS THROUGH DIFFERENT
RESEARCH METHODOLOGIES***

ABSTRACT: *The present article sought to analyze the debate between orthodox and heterodox economists through articles published in the Folha de São Paulo in the year 2016. The analysis was developed in two stages, the first one through the different research methodologies developed by Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos, Milton Friedman, Deirdre McCloskey and Pérsio Árida, applied to the arguments used by the economists in their debate and, in the second stage of analysis, the author's own opinion about the debate was presented, based on his knowledge and personal preferences, in addition to the arguments considered more sensible of the six authors of scientific methodology used in this article.*

KEYWORDS: *Scientific Methodology. Heterodox Economy. Orthodox Economy.*

REFERÊNCIAS

ARIDA, P. A história do pensamento econômico como teoria e retórica. In: REGO, José Márcio. (Org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 11-46.

BELLUZO, L. G.; BASTOS, P. P. Z. Uma crítica aos pressupostos do ajuste econômico. **Folha de S. Paulo**, 9 out. 2016. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/10/1820798-uma-critica-aos-pressupostos-do-ajuste-economico.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

FRIEDMAN, M. A Metodologia da Economia Positiva. **Edições Multiplic**, v.1, n.3, p. 164-200, fev.1981.

GALA, P.; OREIRO, J. L. O núcleo duro da divergência entre ortodoxos e heterodoxos na economia. **Folha de S. Paulo**, 23 out. 2016. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/10/1824987-o-nucleo-duro-da-divergencia-entre-ortodoxos-e-heterodoxos-na-economia.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

JABBOUR, E. M. K.; PAULA, L. F. Texto rebate críticas aos economistas heterodoxos de Lisboa e Pessôa. **Folha de S. Paulo**, 21 ago. 2016. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/08/1804821-texto-rebate-criticas-aos-economistas-heterodoxos-de-lisboa-e-pessoa.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAKATOS, I. O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix: EdUSP, 1979. p. 109-243.

LISBOA, M. B. Heterodoxos e curandeiros. **Folha de S. Paulo**, 25 set. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcos-lisboa/2016/09/1816583-heterodoxos-e-curandeiros.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

LISBOA, M. B.; PESSÔA, S. O funcionamento da economia segundo a direita e a esquerda. **Folha de S. Paulo**, 17 jul. 2016a. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/07/1792072-no-brasil-direita-e-esquerda-tem-objetivos-semelhantes.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

LISBOA, M. B. PESSÔA, S. Os métodos que dividem as águas no debate econômico. **Folha de S. Paulo**, 4 set. 2016b. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/09/1809615-os-metodos-que-dividem-as-aguas-no-debate-economico.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

MCCLOSKEY, D. N. A Retórica na Economia. In: REGO, J.M. (Org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 47-80.

POPPER, K. R. Conjecturas e Refutações. In: _____. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: Ed. da UnB, 1980. p. 63-88.